

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO V — SÉRIE II

N.º 106 (196) — 22-3-925

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, #30 — AFRICA, #40 — ESTRANGEIRO, #65

Redactor principal:

Clemente V. dos Santos

Editor:

António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO

CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:

José Rodrigues Reboredo

Comp. e Imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 33

1871 18 DE MARÇO 1925

A COMUNA DE PARIS

Fez, quarta-feira passada, 54 anos que estalou a revolução popular conhecida pela Comuna de Paris.

Farto de sofrer o terrível cerco imposto pelos exércitos prussianos; farto de tolerar a covardia manifestada pelos generais do imperador poltrão, o Napoleão III, cognominado, por Vitor Hugo, o pigmeu; farto de sofrer todos os rigores da miséria, da fome — o povo da capital francesa iniciou, numa justa explosão de cólera, o grande movimento insurreccional de 18 de Março de 1871.

O povo parisiense foi heróico, generoso, idealista. Mas, infelizmente, a sua revolta não passou duma primeira tentativa socialista. Krapotkine, pelo menos assim considerou a Comuna de Paris.

O povo de Paris proclamou a sua independência, a sua liberdade, convidando as outras cidades da França a segui-lo no seu movimento reivindicador e libertador. Desgraçadamente, porém, confiou demasiado nos chefes, os quais, como Malon, Vermorel, Lefrançais, Varlin, etc., pretenderam cimentar a revolução com leis, decretos, portarias, conservando intacta a propriedade privada, a oligarquia burocrática e todo o sistema capitalista e estatal da governação centralista.

Enquanto nos ministérios os oficiais do novo Estado maior gritavam — *Bebamos, bebamos a independência do mundo!* — Thiers e Galifet preparavam a traição sanguinolenta da semana trágica, do mongólico massacre dos federados, dos velhos, das mulheres e crianças, carnificina que foi de 15 a 21 de Maio de 1871.

Reclus focou nestas significativas passagens o erro formidável dos supremos orientadores da Comuna:

«Talvez o governo da Comuna tivesse mais capacidade noutras matérias; em todo o caso, a história dirá que esses ministros, exercendo o poder, conservaram-se honestos. Mas nós pediamos-lhe outra coisa: o bom senso e a vontade que a situação requeria, agindo logicamente. Não foi com grande espanto que os vimos continuar todos os erros dos governos oficiais: manter todo o funcionalismo, mudando simplesmente os homens; consentir toda a burocracia; conservar todos os empregados do fisco e proteger todos os dias as expedições financeiras que o Banco de França fazia aos de Versalhes? As vertigens do poder e o espírito de mesquinha rotina apoderaram-se deles, e esses homens, comprometeram-se a agir heróicamente e a saber morrer, tiveram a inconcebível e vergonhosa ingenuidade de dirigir às potências notas diplomáticas num estilo que Malternich aprovaria. Do movimento revolucionário que os levou ao *Hotel de Ville*, nada compreenderam».

Mercê dos teóricos *directores* de um colectivismo torcido e tímido, é que a Comuna de Paris caiu desastrosamente num verdadeiro Oceano de sangue, entre verdadeiros montões de cadáveres...

Se o povo parisiense nessa altura já compreendesse bem as doutrinas anarquistas, certamente não esperaria que os seus dirigentes discutissem, na frente da papelada legalista, o melhor meio de assegurar a vitória, para vêr depois o que seria preciso fazer: consolidaria a Comuna por meio da Revolução Social, extirpando os princípios da autoridade, abolindo a teoria do governo, expropriando, por utilidade pública, por utilidade humana,

todo o capital, toda a propriedade privada, todas as riquezas sociais, para serem postas em comum usufruto.

Nem tampouco se encostaria, niñamente confiante, a uma organização militar «tam grotesca, tam nula» nos primeiros dias da Comuna como o «tinha sido ja durante o primeiro cerco, sob a direcção do lamentável Trochu»: agiria de mótu próprio e correria a Versalhes a destruir a caverna, o antro dos sanguissedentos massacradores do povo parisiense...

Assim, morreu, porque, no dizer do extinto Krapotkine, «a Comuna de Paris, filha de um período de transição, nascida sob os canhões prussianos, estava condenada a morrer. Mas o seu carácter eminentemente popular começou uma nova série de revoluções; por suas ideias foi a perscrutora da revolução social. A sua lição foi aproveitada, e quando a França se cobrir de novo de comunas em revolta, o povo provavelmente não elegerá um governo impotente e paralizador como o da Comuna de Paris, nem esperará que um governo inicie medidas revolucionárias. Livre dos parasitas que o devoram, tomará posse de toda a riqueza social para a pôr em comum, segundo os princípios do comunismo anárquico. E tendo por completo abolido a propriedade, o Estado, o povo reorganizar-se-há livremente, conforme as necessidades indicadas pela própria vida.»

—◀▶—

Veiu a guerra de 1870-71, o cerco de Paris, a Comuna. Reclus inscreveu-se na companhia dos aeronautas, dirigida pelo seu amigo íntimo, o fotógrafo Nadar, e ajudou-o nessa organização, maravilhosa para o tempo, por meio da qual Paris sitiado foi posto em relações regulares com os departamentos.

Mas os sucessos precipitavam-se. A energia revolucionária socialista, acumulada em

França e sobretudo em Paris durante os últimos anos do império, não podia dissipar-se em pura perda, sem tentar mostrar-se à luz do sol, sem plantar ao menos uma balisa para o futuro, — e a revolução de 18 de março estalou em Paris.

Aqui, Eliseu, que sempre odiou o galão e sempre se sentiu povo, deu o verdadeiro exemplo. Quando os chefes blanquistas e jacobinos aceitavam logares no governo da cidade revoltada, e os próprios internacionalistas federalistas aceitavam a sua eleição ao conselho da Comuna, Eliseu tomou a carabina e ficou nas filas dos federados. Seu irmão, Elias, adorador da arte antiga, punha-se às ordens de Vailland e salvava nos subterrâneos, durante o bombardeamento e o incêndio, os tesouros do Louvre e da Biblioteca Nacional, quasi sob o fogo e os cutelos dos versalheses.

Desde o princípio, projectava a Comuna uma sortida sobre Versalhes, a qual veio a realizar-se na primeira metade de abril. Eliseu, de arma em punho, tomou parte nela. Foi feito prisioneiro no planalto de Châtillon — e bebeu toda a taça de sofrimentos físicos e dos insultos de queja burguesia triunfante cobriu os seus prisioneiros.

«Quando entrávamos em Versalhes, a multidão dos burgueses, com as suas damas galantes dependuradas do braço recebiam-nos com todos os insultos imagináveis, no momento em que, mãos atadas, desfilávamos na sua frente. Um homem — pareceu-me reconhecer nele um membro da Sociedade de Geografia — gritando: «Oh! patife» descarregou-me um murro formidável na nuca. A sua senhora batia-me com a sombrinha...» Depois de todas as fadigas da noite precedente, caí desmaiado. Depois vieram todos os horrores da planície de Satory, as sentinelas atirando à queima-roupa sobre quem se levantasse, fatigado de jazer na lama, e pelotões.

Falar de Clara, é falar da história do Esperanto.

Na distribuição das primeiras brochuras, ela foi incansável, quer escrevendo endereços, quer cintando e empacotando.

Seu pai, um comerciante de Kyôto, também foi um bom auxiliar de Zamenhof, e por conseguinte do Esperanto. Foi mesmo o primeiro de entre todos.

Graças a êle, fizeram-se os primeiros livros.

Zamenhof era verdadeiramente pobre. Pois se êle não recebia, como médico, dinheiro dos pobres...

Quando Clara casou com Lazaro Zamenhof, a 9 de Agosto de 1887, já circulava a primeira brochura, paga pelo pai de Clara, que via no genro um grande génio.

E não se enganara.

«Clara,—diz Leon Zamenhof, irmão do Mestre, foi o grande auxílio moral do Esperanto. Sem ela, talvez Luis Lázaro não tivesse resistido às durezas da sorte.»

São os grandes corações que nos amparam nas grandes obras, ante a indiferença do mundo.

Depois de morrer Zamenhof (17 de Abril de 1917) é a figura moral de Clara que acompanha o movimento sempre crescente do Esperanto.

De Varsóvia, ela assistia a todas as manifestações da grande obra que ajudara, na juventude, a desenvolver; e com carinhosa emoção escutava a marcha da legião enorme, cada vez maior, dos esperantistas.

Clara foi mais feliz que Zamenhof: êle viu o movimento intelectual do Esperanto até à carnificina de 1914; êle viu o apostolado, mas ela viu já a popularização da Lingua Mundial. Viu o desenvolvimento do Esperanto nos círculos revolucionários e soube dos congressos de grandiosa interpretação, da Associação Mundial Desnacionalizada (S. A. T.).

Nekonata P.

AS LINGUAS INTERNACIONAIS, O ESPERANTO E A DELEGAÇÃO

Em 1900, quando da Exposição Universal de Paris, surgiu a ideia da constituição de uma delegação internacional para a escolha da lingua auxiliar internacional, de entre os inúmeros projectos existentes.

Essa delegação, devido aos esforços dos srs. L. Conturat e L. Leau, ficou organizada e, segundo o professor Boirac, reitor da Universidade de Dijon, foi a mais bem urdida peça de teatro, cujas scenas duas ou três pessoas, depois, dirigiam dos bastidores.

O Esperanto, que nessa época já contava centenas de adeptos, obteve em seu favor assinaaturas de 1250 homens de ciência, que se dirigiram à Associação Internacional das Academias (em Paris), e, devido ao esforço moral e financeiro dos esperantistas de todo o mundo, inúmeros livros, jornais e brochuras se espalharam.

Tudo leva a crer que o Esperanto triunfasse. E, de facto, numa comissão composta de homens de letras e sciências de todo o mundo, a lingua de Za-

menhof foi aprovada em principio.

A delegação, cujo fim oculto era reprová-lo Esperanto, perdeu a causa.

No concurso de linguas internacionais — chamemos-lhe assim — apareceram, entre outros, os seguintes projectos: do sr. Wie (das Filipinas); *Langage Simplifié*, de Thaut (França); *Dilpok*, de Marchand (França); *L'Apolema*, de R. de la Grasserie (França); *The Master Language*, de Hugton (E. Unidos); *Logo*, de Darde (Rússia); *Universal*, de Molenaar (Alemanha); *Idiom Neutral*, de Akademi Internacional de Linguas Universais; *Neutral Reformed*, de Rosenberg (Rússia); *Novlatin*, de Beerman; o projecto de Blondel; o *Spokil*, do Dr. Nicols; *Langue Bleue*, de Bollack; *Parla*, de Spitzer e o *Ido*, de autor incógnito.

Quase todas estas linguas não passavam de simples projectos, do simples papel em que eram apresentadas, enquanto que o Esperanto era já uma realidade e cujo aparecimento fizera desaparecer algumas tentativas linguisticas e essa lingua já disseminada, com muitas agrupações e academias é que reunia algum valor — o Volapük.

O Dr. Zamenhof, que não pudera ir a Paris, encarregou um dos seus amigos, o marquês de Beaufront, de aí defender o seu querido idioma, — o nosso belo ESPERANTO.

Com prazer aceitou a missão o sr. de Beaufront e com calor atacou o projecto sem autor, — o *Ido*, que se apresentava como *Esperanto reformado*. Diziam-se, esta deturpação do Esperanto, feita sobre bases mais scientificas do que a obra de Zamenhof e conseguiram alguns adeptos, que a defenderam nas discussões da delegação. Soube-se mais tarde que o *Ido* era da autoria do próprio sr. de Beaufront.

Depois dos trabalhos da delegação, apareceram mais os seguintes projectos de linguas internacionais: *Pan-Arisch*, *Pankel*, *Unial*, *Europal*, *Romanal*, *Cortiplo*, *Eulalla*, *Dutatingue*, *Adjubilo* (*Ido reformado*), *Lingua perfect*, *Reform Esperanto*, de Seidel, de Stelzner, *Interlingua*, de Ugo Bassa, *Simplio*. *Omnez* e outros mais.

Só na Rússia, apareceram seis linguas: *Internacia Scienca e Adelfia Lingvo*, de Kovalev; *Viva*, do Dr. Nesmejanov; *Scienca Lingvo*, de Vengerov; *Reform Neutral*, de Rosenberger e Wahl.

Como se vê, é um nunca acabar de projectos de linguas mundiais, sendo a última criação a *Esperantista* do sr. de Saussure (Antido), que tem sido de uma infelicidade a toda a prova.

Todas estas linguas, como nascem, assim morrem.

De *Ido*, que de todas as que pretenderam suplantá-lo Esperanto é a mais importante, existem dois jornais e uns três ou quatro grupos; de *Esperantista* e de *Interlingua*, respectivamente uma folha eventual. E mais nada.

Só o Esperanto, porque reúne todas as condições para verdadeira lingua mundial, triunfa,

estando já proficuamente enraizado no pensamento humano.

Pela obra de Zamenhof, falou a sua imprensa, a sua bibliografia e os seus congressos.

F. C.

Deus e o dinheiro

A falsa crença numa divindade — causa primária de todos os males que afligem o género humano — determinou a perpetuação do individualismo. É a perpetuação deste individualismo deu origem a que todos nós estejamos dispostos matar nos uns aos outros, considerando nos como inimigos mortais, quando os interesses se entropem no nosso caminho. O célebre conto árabe — Os três amigos — vem-lo reproduzido a cada passo.

Enquanto as crenças no sobrenatural servirem para explorar a massa; enquanto constituírem meios poderosos para escravizar consciências, Deus subsistirá na mente dos desgraçados. Mas, no dia em que a propriedade desaparecer, e que as moedas sirvam apenas para as crianças brincar, então as farças religiosas terão concluído para sempre a sua missão. Onde se encontrará um padre que diga uma missa a uma beata, quando semelhante serviço não lhe renda dinheiro?

Os bispos e os banqueiros, unidos por um laço comum, teem de correr, forçosamente a mesma sorte. Que os livre-pensadores se não esqueçam, porém, disto: a mentira, Deus, — como as demais mentiras — ha de ter um fim. Mas esse fim só se verificará no dia em que a Revolução Social der o golpe de misericórdia no regime capitalista. Antes, não.

FIRMINO SALVOCHEA.

PUBLICAÇÕES

Publications de «*La Revolté*» et «*Temps Nouveaux*» — Correo de 28 de Fevereiro, recebemos o n.º 32 destas interessantes publicações.

O seu sumário é como segue:

Aos camaradas, J. Grave; O

que deve ser a verdadeira Sociedade das Nações, J. Grave; *Projectos de Federação*, idem; *Perseguições na Polónia*, G. B.; *Arbaidjan*; *Rússia*; *Mise au point*, Paul Gde; *Através das nossas leituras*; *Museu Krapiokine*.

«*O meu amigo Júlio*» e «*Florecimento*» são duas novelas de excelente leitura social que nos emociona o sentimento e nos educa o espirito. Da primeira é seu autor Adrián del Valle; da segunda Federica Montseny.

Representam, respectivamente, o 1.º e o 2.º número da colecção que *La Novela Ideal* se propõe editar.

Os pedidos podem ser feitos ao jornal *A Batalha*.

La Revista Blanca — Esta publicação quinzenal de novos horizontes sociais, sciência e arte, correspondente ao n.º 43 (segunda da série), de 1 de Março, tem o seguinte e variado sumário:

O Homem e a Terra (continuação), Eliseu Reclus; *Os germens da guerra futura*, Rudolf Sharfentein; *Efemérides do povo*, Soledad Gustavo; *A idea anarquista: o seu passado e o seu futuro* (IX), Max Nettlau; *Fragmento de «La Victória»*, Federica Montseny; *Crónica científica*, A. Douglas Smith; *A literatura espanhola*, Augusto de Moncada; *O «bachiller de Salamanca»*; *As minhas espadas*, Coraón; *Da política até ao ideal*, Solano Palácio; *Caminhando pelo mundo*, Hipatia; *O último Quixote*, continuação, Federico Urales.

Nas capas — «*A Vitória*», «*A Novela Ideal*»; *Em prol do neomaltusianismo*, Ignácio Morató e A. Larrea; *Comentários*; *As escolas filosóficas*, Fernando Lupinez; *Sobre Vargas Vilas e as suas obras*, Ignácio Cornejo; *Para os correspondentes*; *Subscrição pró presos*; *Prémio a uma criança*; *Notas administrativas*.

O Anarco-Sindicalismo em Espanha — constituição XIII opúsculo da *Petite Bibliothèque de l'Internationale Syndicale Rouge*, sendo o seu autor o militante moscovitário espanhol, Joaquim Maurin.

As brochuras daquela biblioteca encontram-se à venda na «*Librarie du Travail*», 96 Quai Jemmapes — Paris (X^e), ao preço de 0 fr. 75 cada.

Conseguir um novo assinante para A COMUNA, é apressar a queda da tirania que nos oprime.

CALENÁRIO SUBVERSIVO

MARÇO

- 16-1657 — Morre o grande escritor quinhentista Jacinto Freire de Andrade, doutor pela Universidade de Coimbra. Figurou no auto-de fé que se realizou em Lisboa, no palácio da inquisição, em 7 de abril de 1653, com mais outros sábios. Entre as mais notáveis obras que escreveu, merece menção especial a *Vida de D. João de Castro*.
- 17-1848 — São guillotinado em Paris os socialistas Daix e Lahe, acusados de terem morto, durante a revolução, o general Bréa. Afinal, quem o matou foi o povo no meio da sua cólera.
- 18-1827 — Grande manifestação da Academia de Coimbra, perto de Condeixa, contra alguns lentes da Universidade que se dirigiam a Lisboa para cumprimentar D. Miguel de Bragança. Foram mortos dois lentes e feridos doze eclesiásticos.
- 19-1911 — Sai, em Habana (Ilha de Cuba), o primeiro número de *A Baialha*, semanário comunista-anarquista.
- 20-1620 — Pela segunda vez é preso pela inquisição de Coimbra, o grande matemático e livrepensador, dr. André de Avellar, que contava 74 anos de idade. Foi condenado a cárcere, a arbitrio e a hábito perpétuo. Juntamente com ele, foram também presos os seus filhos e filhas sendo freiras algumas delas...
- 21-1913 — Em Lisboa, o trabalhador António Faria, mata, com um tiro de revólver, o engenheiro marxista António José Baptista que o persegue, impedindo-o de arranjar trabalho.
- 22-1704 — Com 72 anos de idade, morre, em Londres, João Locke, um dos maiores filósofos ingleses.

Centro Comunista Libertário

Reuniu na passada quarta-feira, 11, a assembleia geral deste organismo, que elegeu a nova Comissão Administrativa que ficou composta pelos camaradas: Serafim Cardoso Lucena, Francisco Gonçalves, José Silva, José Margarido de Paiva e Manoel Soares Matos. Resolveu que a partir de abril próximo, a cobrança passe a

ser feita pelo correio, rogando-se por isso a todos os camaradas que previnam as suas famílias, afim de evitarem a devolução dos recibos, tendo-se em consideração o estado financeiro do Centro

Roga-se a todas as associações que teem a sua sede nas dependências deste organismo para liquidarem os seus débitos, afim de não criarem embaraços à vida deste Centro.

A nova Comissão, reúne todas as segundas-feiras, pelas 21 horas.

Boa doutrina

O que distingue os actos criminosos

Embora haja entre os criminosos uma proporção enorme de anormais patológicos, nevropatas, degenerados e desequilibrados, a verdade é que o criminoso não constitui um tipo biológico definido, como pretendia a escola lombrosiana. Sob o ponto-de-vista do seu mecanismo, os actos criminosos não diferem dos outros actos humanos. *O que os distingue é apenas um conceito social e jurídico.* — DR. MENDES CORREIA.

Pró-vítimas das Antas

Transporte . . .	2.575\$10
Lucena	3\$00
Baptista	3\$00
Grupo «A Comuna»	5\$00
<hr/>	
A transportar	2.586\$10

Conferência

Promovido pelo Centro Comunista Libertário, realiza hoje, na sua sede social à rua de Entreparedes, 33.1.º, pelas 20 horas, o camarada Serafim C. Lucena, uma conferência subordinada ao tema:

«A acção dos anarquistas perante a luta Eleitoral.»

E' de esperar que os trabalhadores concorram a esta palestra de verdadeira actualidade porque algo terão a aproveitar.

Edições SPARZACUS

O Amor e a Vida	5\$00
A Crise Económica	2\$90
Três aspectos da Revolução Russa	5\$00

A VENDA NESTA REDACÇÃO

AOS NOSSOS PRESADOS ASSINANTES DO PORTO

Prevenimos todos os camaradas desta cidade que devolvam os recibos ultimamente enviados, que enviamos novamente à cobrança os mesmos.

Esperamos, por isso, a sua imediata liquidação, pois o contrário é dificultar ainda mais a vida de «A Comuna».

Aos assinantes, porém, que novamente devolvam o seu recibo, sem que devidamente justifiquem a razão de tal, tomaremos a resolução de suspender o jornal.

No seu interesse próprio e no interesse das Ideias que «A Comuna» valorosamente defende, aguardamos portanto que todos os camaradas tomem em consideração este nosso aviso, evitando a suspensão do jornal, resolução esta desagradável para os assinantes referidos e bastante dolorosa para nós.

A ADMINISTRAÇÃO.



União A. Portuguesa

COMITÉ NACIONAL

— Resolveu enviar um relatório informativo da situação actual do movimento anarquista português, seus antecedentes, seus objectivos futuros e suas relações com o movimento operário português, para o II congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores. Esse relatório será publicado no próximo número deste jornal, com o fim de tornar conhecido de todos os anarquistas, o seu conteúdo.

— Efectuou uma reunião com o Comité Regional da Federação Anarquista da Região Central.

— Tomou resoluções concernentes à publicação dum manifesto nacional de propaganda anti-eleitoral. Essas resoluções foram comunicadas a todos os aderentes, dos quais aguarda colaboração.

— Verificou a não organização ainda duma comissão camarada José Pires de Matos motivo porque resolveu pedir a todos os camaradas que não descurem a obtenção de donativos destinados a tal fim, que até nova resolução devem ser enviadas para a U. A. P.

— Tomou conhecimento da constituição dum novo grupo em Ponte do Sôr, intitulado «Revolução Social». A correspondência para este novo grupo deve ser enviada para Manoel dos Santos Sardinha.

— Novamente foi resolvido instar com todos os camaradas que ainda não liquidaram todas as remessas de folhetos, para o fazerem, não criando dificuldades aos trabalhos de propaganda que a U. A. P. tem em vista.

FEDERAÇÃO ANARQUISTA DA REGIÃO CENTRAL

Em sua reunião de hoje, o Comité Regional da Federação Anarquista da Região Central apreciou vários officos recebidos, tomando as resoluções que o seu respectivo contendo requeria.

Por intermédio dum desses officos tomou conhecimento da constituição em Moura do Grupo Comunista Libertário «Os Tolstoianos», o qual na sua reunião constitutiva resolveu dar a sua adesão à Federação Anarquista da Região Central.

Apreciou igualmente o recebimento de mais quatro adesões individuais.

Toda a correspondência, adesões, etc., para a Federação Anarquista deve ser enviado a Virgílio de Sousa (F. A. R. C.), Travessa da Agua da Flor, 16.º.—Lisboa.

Lisboa, 12 de Março de 1925.

Comité de Propaganda e Organização Anarquista do Norte

O secretariado deste Comité convida os antigos grupos aderentes a este a enviarem os seus delegados a uma reunião que se realiza na próxima terça-feira 24 do corrente pelas 21 horas, para tratar de um assunto de alta importância.

CORREIO DE "A COMUNA"

ALENQUES — J. L. Cordeteo. Recebemos 5\$00.

EVORA — J. J. Candieira. Idem 10\$00. Pago até ao n.º 144. *Crisógono Silva Trageiro*. Enviamos o jornal mas veio devolvido, alegando o correio não ser conhecido na morada indicada. Mandai novo endereço.

BARREIRO — A. Gregório. Idem 8\$50.

LISBOA — J. F. Santos. Idem 1\$00. *Ursus*. A tua carta chegou tarde.

CARVALHOS — J. Couto Soares. Precisamos que venhas cá.

VIEIRA DO MINHO — F. Azevedo. Recebemos 7\$00.

O Estado e o seu papel histórico, — 1\$50

A VENDA NESTA REDACÇÃO